



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

7 de março de 2026

PÂNICO EM FLORIDA BEACH

Matinée

de Joe Dante, 1993



Realização: Joe Dante. **Argumento:** Charlie Haas, Jerico Haas. **Fotografia:** John Hora. **Direção Artística:** Steven Legler. **Design:** James McPherson. **Música:** Jerry Goldsmith. **Figurinos:** Isis Mussenden. **Montagem:** Marshall Harvey. **Intérpretes:** John Goodman (Lawrence Woolsey), Cathy Moriarty (Ruth Corday/Carole), Simon Fenton (Gene Loomis), Omri Katz (Stan), Kellie Martin (Sherry), Lisa Jakub (Sandra), Jesse Lee (Dennis Loomis), Lucinda Jenney (Anne Loomis), James Villemaire (Harvey Starkweather), Robert Picardo (Howard, o gerente do cinema), Jesse White (Mr. Spector), Dick Miller (Herb), John Sayles (Bob), David Clennon (Jack). **Produção:** Michael Finnell, para Universal. **Cópia:** 35mm, cores, legendado eletronicamente em português. **Duração:** 99 minutos. **Estreia nacional:** Cinema Londres, 24 de fevereiro de 1995.

É sabido que a geração dos *movie brats* (como a própria designação indica) formou-se vendo cinema, mas com uma característica adicional à da geração anterior, a dos cinemas novos e novas vagas. Se esta teve a mesma escola o seu espaço era o das salas e a sua relação com o cinema foi quase mística com rituais litúrgicos quase afins aos das religiões, enquanto o dos *movie brats* (em espaço geográfico diferente, o que também conta muito) era geralmente o da sala ou quarto de casa vendo a televisão. A este espaço acrescentava-se outros, naturalmente, o dos *drive-ins* e o das salas populares, mas a liturgia, essa, era menos sagrada, ou tinha outra dimensão. Isto porque nos EUA mais do que em qualquer outro país, o cinema foi sempre visto como um espectáculo (mas é preciso reconhecer que ali a religião também toma, com

frequência, a mesma dimensão). Dai que o tipo de citações cinéfilas ou as referências a essa memória possuam também características diferentes, mais lúdicas as americanas, em comparação com a nostalgia por vezes mística das dos cineastas europeus.

De entre a geração dos *movie brats* nenhum cineasta é tão expressivamente cinéfilo como Joe Dante, de uma forma que por vezes roça algum infantilismo. Mas é esta mesma característica que permite que os seus filmes consigam recriar, mais do que qualquer outro, uma mentalidade de época, não necessariamente em filme de época mas na forma de filmar tanto o presente como o futuro que parece querer reproduzir os antigos métodos. Não se trata, porém, de querer imitar até ao fim aquele cinema (como se quis fazer, aquando do centenário da sétima arte, com filmes feitos segundo as técnicas do tempo, ou filmes como **Tren de Sombras/O Comboio das Sombras**, ou falsos documentários de época que procuram, intencionalmente, provocar a confusão), mas sim de o celebrar (a reconstituição rigorosa e metódica) ao mesmo tempo que o parodia (a distanciação que impõe ao espectador e a constante ironia das citações). Falei em distanciação e será este método brechtiano inconscientemente (?) assumido por Dante que explica alguns dos *flops* da sua carreira (como é o caso de **Matinée**), porque ele exige do espectador uma cumplicidade e um conhecimento da matéria. Nenhum filme de Dante ilustra melhor o que dissemos do que **Matinée**, tanto no que diz respeito ao seu personagem central como ao tempo em que decorre.

No primeiro todos sabem que o Lawrence Woolsey interpretado com tanta verve por John Goodman é uma homenagem, mal disfarçada, a um mítico produtor-realizador de séries **B**, William Castle, que, apesar de tudo, deixou a sua marca numa produção de prestígio, **Rosemary's Baby/A Semente do Diabo** de Roman Polanski. Mas o forte de Castle foram aqueles filmes feitos por tuta e meia e destinados a completarem sessões *double bill* e a ocuparem as noites dos adolescentes nos *drive-ins*. Antes do não menos lendário (e ainda activo) Roger Corman, Castle explorou os mais variados géneros de filmes **B** (aventuras, westerns, thrillers, etc.) antes de descobrir o filão dos *cheapies* de terror em 1958 (ao mesmo tempo de Corman) com o clássico **Macabre/Macabro** (1958), e especializou-se em transpor o espectáculo da tela para a plateia utilizando os mais desconcertantes *gadgets* como instrumentos para provocarem choques, sacudirem as cadeiras, fazer voar fantasmas **pela** sala, chegando ao ponto de exigir à entrada a assinatura de declarações de responsabilidade por possíveis ataques cardíacos! Em **Matinée** encontramos tudo isto e quem já viu um dos filmes mais famosos de Castle, **The Tingier**, o tal das cadeiras sacudidas por choques eléctricos. Mas para quem conheceu o cinema de Castle no seu próprio tempo, os prazeres estão noutras cenas, nos trailers e no filme no filme: **Mant!** (um título que poderia ter sido criado por Castle). Se exagero existe será apenas o plano em que a criatura (homenagem a **The Fly/A Mosca**, de Kurt Neumann) toca no rabo de Cathy Moriarty (cena inadmissível para a moral do tempo), mas em tudo o resto a cópia está conforme, tanto no grafismo das frases de promoção no trailer, como nos diálogos que já então soavam ridículos mas que eram mais ou menos aceites como regra diegética, e numa montagem mais ou menos aleatória com a exploração reiterada dos grandes planos de personagens gritando. A paródia e homenagem comunicam sem problemas entre a forma do filme no filme e o filme propriamente dito, com Joe Dante utilizando actores do outro tempo (o eterno Dick Miller, seu actor fétiche, vindo da fábrica Corman, ou Jesse White, o Mr. Spector, que já revimos aqui em **Designing Woman/A Mulher Modelo** de Minnelli), glosando nomes populares da série **B** dos anos 50, *private jokes* destinados a cinéfilos (a actriz interpretada por Cathy Moriarty chama-se Ruth Corday, referência a uma opulenta morena que andou pelos braços de monstros e extra-terrestres nos anos 50, Mara Corday; Kevin McCarthy aparece no filme do filme como o general que dirige as operações contra o **Mant!**, e que se apresenta como o general Ankrum, referência a Morris Ankrum, uma das mais familiares figuras no cinema **B** dos anos 50, uma daquelas que todos conhecem mesmo não sabendo o nome: "*what's his name?*"). Os filmes de Dante podem comparar-se mais ou menos a jogos de salão? É possível. E talvez sejam esses os seus limites, fazendo esbater sobre esta lúdica paisagem a mensagem que o argumento em si contém que neste caso tem a ver com a guerra fria, a crise de Outubro (os mísseis de Cuba) e a histeria que provocou. Mas, com razão ou sem ela, não disse um *mogul* de Hollywood que "se quiser enviar uma mensagem uso os Correios"? Houve outros filmes que o fizeram, ontem e hoje e já estarão praticamente esquecidos.